



## **Comunidades resilientes às mudanças climáticas: o caso de Benefício, Esperança-PB**

*Resilient communities to climate change: the case of Benefício, Esperança - PB*

FRANCISCA, Nirley Andrade<sup>1</sup>; FREIRE, Adriana Galvão<sup>2</sup>; CARDOSO, Ivanilson Estevão Silva<sup>3</sup>; SILVA, Cleibson dos Santos<sup>4</sup>

<sup>1</sup> AS-PTA, nirley@aspta.org.br ; <sup>2</sup>AS-PTA, adriana@aspta.org.br; <sup>3</sup>AS-PTA, ivanilson@aspta.org.br ; <sup>4</sup>AS-PTA, cleibson@aspta.org.br

### **RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA**

#### **Eixo Temático: Crise ecológica, e mudanças climáticas: resistências e impactos na agricultura, nas águas e nos bens comuns**

**Resumo:** As mudanças climáticas vêm causando prejuízos para a agricultura familiar do território da Borborema, causando perdas nas produções e erosão da biodiversidade. Desde o ano de 2020, o Polo e a AS-PTA vêm construindo uma abordagem metodológica no território com o objetivo de contribuir ao fortalecimento da capacidade de adaptação da agricultura familiar do semiárido brasileiro às mudanças climáticas por meio da disseminação de inovações sociotécnicas e de processos de gestão do conhecimento que conferisse resiliência e eficiência produtiva aos agroecossistemas e níveis suficientes de renda e segurança alimentar para as famílias. A metodologia das Comunidades Resilientes foi organizada em ciclos de formação e o presente relato apresenta como esse processo aconteceu na comunidade Benefício no município de Esperança-PB e seus principais resultados.

**Palavras-chave:** abordagem metodológica; inovações; resiliência.

#### **Contexto**

O modo de vida e padrões de produção e consumo do sistema capitalista têm impactado, ao longo da história, o meio ambiente, sendo responsáveis pela crise atual no sistema climático. O uso dos combustíveis fósseis nos processos industriais, na agricultura e nos transportes fez crescer exorbitantemente os níveis de emissões de gases do efeito estufa, elevando a temperatura da superfície do planeta.

As condições naturais do semiárido brasileiro aliados a um processo histórico de concentração de terras e de água que favoreceu a dominação política tornou essa região mais sensível aos eventos climáticos. Nessa conjuntura, a agricultura familiar, principal atividade econômica do semiárido, vem sofrendo grandes danos, como perdas nas produções e erosão da biodiversidade. Novas alterações nos eventos climáticos poderão intensificar os impactos na região, causando o aumento da pobreza, insegurança alimentar e crescimento nos processos migratórios, além da ampliação nas desigualdades de gênero e conflitos geracionais.

O território da Borborema está localizado na mesorregião do Agreste paraibano e tem quase todos seus municípios inseridos na delimitação do semiárido. Tem como característica a presença forte da agricultura familiar, em sua maioria com pequenas



propriedades, com produção de culturas diversificadas. Esse território carrega processos históricos de resistência e luta dos camponesas e tem hoje como principal ator social e político o Polo da Borborema, uma rede de 13 sindicatos de trabalhadores e trabalhadoras rurais que durante 27 anos vem fortalecendo a agricultura familiar e promovendo a agroecologia em parceria com AS-PTA, uma organização não governamental que tem assessorado o Polo nos processos sócio-organizativos, técnicos e políticos.

Desde o ano de 2020, o Polo e a AS-PTA vêm construindo uma abordagem metodológica no território com o objetivo de contribuir ao fortalecimento da capacidade de adaptação da agricultura familiar do semiárido brasileiro às mudanças climáticas por meio da disseminação de inovações sociotécnicas e de processos de gestão do conhecimento que conferisse resiliência e eficiência produtiva aos agroecossistemas e níveis suficientes de renda e segurança alimentar para as famílias. Essa estratégia- *Comunidades Resilientes às Mudanças Climáticas* - busca adensar as trajetórias de inovação socioecológica na escala da comunidade e do agroecossistemas, buscando conferir maiores capacidades de resiliência aos extremos climáticos. (Plano estratégico de ação territorial para mitigação das mudanças climáticas na Borborema, 2022)

Essa abordagem tem sido desenvolvida e experimentada em 7 comunidades de 7 municípios do território da Borborema. O presente relato pretende evidenciar o processo e os resultados dessa abordagem a partir da Comunidade Resiliente Benefício, localizada no município de Esperança-PB.

A comunidade de Benefício é composta de aproximadamente 120 famílias, com 1,5 hectare de tamanho médio das propriedades e que tem como principal atividade econômica a produção nos roçados, criação de animais e a erva-doce.. Em um movimento recente, um grupo que começava a se organizar via o banco comunitário de sementes, passou a assumir a direção da associação com uma gestão mais democrática e com maior participação efetiva das mulheres. Esse contexto se mostrou uma excelente oportunidade para iniciar o trabalho das *Comunidades Resilientes*.

### **Descrição da Experiência**

A metodologia das Comunidades Resilientes foi organizada em ciclos de formação. O primeiro ciclo de formação aconteceu em quatro etapas, sendo: i) Construção e análise da história da comunidade com grupos mistos e com grupo específico de mulheres. Optou-se por criar um momento com as mulheres e que se mostrou muito relevante para entender como os fenômenos naturais, econômicos e sociais impactaram/impactam a vida e os corpos das mulheres de forma específica, como também foi possível aprimorar a análise da história a partir da perspectiva feminina ii) Diagnóstico dos bens comuns e atualização do diagnóstico dos arredores de casa, sendo esse último também específico com mulheres iii) Reuniões sobre fundos rotativos solidários e gestão de equipamentos coletivos iv) Avaliação dos



impactos das ações de resiliência. Todas essas atividades aconteceram na sede da associação comunitária de Benefício.

Após cada formação realizada a equipe se reunia para avaliar e tirar lições/aprendizados, aprimorando o olhar analítico da assessoria para a comunidade, mas também para refletir sobre o método, com o objetivo de qualificar as etapas seguintes. Todas as atividades se constituíram em uma sequência metodológica onde o conteúdo trabalhado em um momento dava subsídio para o seguinte. A maior parte do grupo percorreu todo o ciclo acumulativo de formação.

#### *- Construção e análise da história da comunidade*

Nesse primeiro momento foram realizadas leituras da realidade, identificação dos aspectos que contribuíram e limitaram a comunidade ao longo da trajetória, as estratégias coletivas de superação e enfrentamento dos desafios, avaliação dos impactos das mudanças climáticas e as estratégias de adaptação aos seus efeitos e o papel das mulheres da comunidade ao longo de toda a história da comunidade.

Esta primeira atividade se dividiu em dois momentos distintos e complementares. Pela manhã, homens e mulheres construíram a linha do tempo da comunidade a partir de oito dimensões (paisagem, agricultura, políticas públicas, organização social, gestão dos bens comuns, acesso ao conhecimento e dimensão de gênero). As pessoas iam contando as histórias, enquanto a equipe ia registrando em tarjetas e organizando na parede de acordo com cada dimensão. No fim do exercício foi feita uma leitura dos principais aspectos, identificando os eventos gatilhos da trajetória. Esse momento possibilitou que os participantes resgassem, sistematizassem e analisassem a sua trajetória e percebessem que fatores externos impactaram a comunidade. No período da tarde as mulheres revisitaram a linha do tempo construída na parte da manhã onde fizeram a análise a partir das secas vividas e os impactos sofridos, evidenciando o papel das mulheres na manutenção da vida e dos agroecossistemas e da organização comunitária nos momentos de crise e na construção de soluções.

#### *- Diagnósticos dos bens comuns e dos arredores de casa*

Para a realização do diagnóstico sobre bens comuns foi feito um mapa da comunidade a partir do georreferenciamento e de imagens de satélite do *Google Earth* preparados anteriormente com lideranças da comunidade. Com o mapa impresso e disposto ao chão as/os participantes iam localizando as suas casas, os principais pontos de água de uso coletivo, os equipamentos de uso comunitário, banco de sementes, associação, escola, igrejas, espaços de lazer e de aprendizados. Também foram lembrando, a partir da linha do tempo construída na atividade anterior, o quanto a configuração da comunidade foi se transformando com o tempo. A redução ou transformações que os mutirões de trabalho sofreram também foi uma questão muito debatida, essa atividade comunitária envolvia muita gente e estavam muito destinados para o trato com os roçados, limpezas de



barreiros e para as “farinhadas”, hoje, acontecem mais dentro das famílias e direcionado principalmente para a produção de silagem.

Mais tarde, foi aprofundado um diagnóstico da gestão dos arredores de casa, quando se construiu coletivamente um mapa “ideal” do arredor de casa com as inovações estimuladas ao longo dos últimos 10 anos, atualizando um exercício anteriormente realizado com as mulheres no início dos anos 2000. Neste momento foi levantado os principais desafios enfrentados pelas mulheres para produzirem no arredor de casa, como também as estratégias desenvolvidas pelas agricultoras que tem tornado os sistemas peridomésticos espaço de produção e geração de renda. Foi a partir da construção coletiva de um “arredor de casa ideal” que as mulheres foram identificando as novidades para a melhor gestão da água, das sementes, da fertilidade, do trabalho, da energia etc.

Os acordos construídos nessas reuniões se constituíram em passos para a realização do terceiro momento, onde foram organizados os grupos de interesse, os fundos rotativos solidários e as normas de gestão dos fundos.

#### *- Reuniões sobre fundos rotativos solidários (FRS) e gestão de equipamentos coletivos*

Para as reuniões de fundo rotativo solidário foram mobilizadas as pessoas de interesse, sendo a maioria mulheres. Elas foram chamadas para fortalecer a experimentação em seus arredores de casa, por meio de alguns apoios, e o ponto de partida foi o fortalecimento de um grupo já existente na comunidade que se organizava em um fundo específico de kits de telas. A metodologia da atividade se deu com a apresentação de algumas experiências de agricultoras e agricultores, por meio de uma série de vídeos produzidos pela AS-PTA, chamada *Terreiro de Inovações Camponesas.*, pois nesse momento, vivia-se a pandemia de Covid-19, que impedia as visitas presenciais de intercâmbio. Esse momento abriu um debate sobre as diversas estratégias de superação aos desafios que as famílias agricultoras vêm construindo e como os FRSs podem contribuir no acesso à soluções. Também foi refletido sobre os princípios norteadores e a gestão dos FRSs.

De início, o grupo ficou com 19 mulheres, no formato de consórcio e com inovações diversificadas (fogões ecoeficientes, kits de tela, ovelhas de raças nativas, canteiros sombreados, infraestruturas para reuso de água). O Polo e AS-PTA contribuíram com o apoio de 10 inovações para alavancar o fundo. Em 2023, o grupo ampliou para 35 pessoas e a coordenação é feita por três mulheres, gerando mais de 50 inovações. O grupo de fundo rotativo foi muito procurado por outras comunidades para partilhar essa experiência de auto-organização e tiraram como estratégia, convidar uma representação por comunidade para se inserir no fundo com o objetivo dessa pessoa acumular sobre a experiência para depois desenvolver em sua comunidade.



Além dos apoios destinados para o FRS a comunidade recebeu alguns equipamentos de gestão coletiva como motoensiladeira, miniunidade de beneficiamento da mandioca e bomba de recarga d'água. Essa demanda foi levantada a partir da oficina de gestão de bens comuns. Com a chegada desses equipamentos a comunidade se viu diante de um conflito com algumas lideranças sindicais sobre a gestão desses equipamentos e a oficina pensada para refletir essas questões foi fundamental para a afirmação da autonomia da comunidade e para o fortalecimento da auto-organização. Esse foi um ponto de virada durante o processo. Com a autoestima fortalecida, a comunidade construiu modelos de gestão coletiva para esses equipamentos e para o FRS.

Atualmente, cada equipamento é gerido por uma comissão de três pessoas, que assumem responsabilidades nos agendamentos para uso, nos cuidados e manutenção. No ano de 2022 a máquina motoensiladeira "rodou" na comunidade e conseguiu armazenar 415 toneladas de forragem. A bomba d'água fez 10 recargas dos barreiros para as cisternas de 52 mil litros, evitando a perda por evaporação. A unidade de beneficiamento de mandioca se mostra com um grande potencial para o futuro próximo, pois a partir do resgate da cultura da mandioca que vem acontecendo na comunidade há uma expectativa de produção para o beneficiamento.

#### *- Avaliação dos impactos das ações de resiliência*

Ao final de quase dois anos de trabalho, a comunidade se reuniu para avaliar os impactos da ação. Nessa atividade foi feito o diálogo com a comunidade para avaliar a vivência da última seca, como as famílias se organizaram para enfrentar esse momento, como as inovações que foram estimuladas recentemente puderam (ou poderão) contribuir para mitigar os efeitos das mudanças climáticas.

No primeiro momento, relembra-se o conteúdo do processo de formação. Em seguida, estimulava-se a reflexão sobre a seca e quais as estratégias para passar por esse momento com maior dignidade. Depois do levantamento das iniciativas, os participantes eram estimulados a refletirem sobre como poderiam continuar aprofundando alternativas, coletivas e individuais, para mitigar os efeitos das mudanças climáticas. Por fim, os participantes eram instigados a refletirem sobre as causas dessas mudanças. Essa rodada foi determinante para pactuar com as comunidades a necessidade de manterem vigorosas as iniciativas e seguirem a gestão dos bens comuns. O acúmulo desse debate na comunidade de Benefício e nas outras seis subsidiaram a construção do Plano Estratégico de Ação Territorial para Mitigação das Mudanças Climáticas na Borborema.

## **Resultados**

Nos anos que se forjava a metodologia das *Comunidades Resilientes às mudanças Climáticas* observou-se muitos resultados que ratificaram a metodologia como um caminho para construção local de alternativas de enfrentamento às mudanças



climáticas. São resultados técnicos e sócio-organizativos que serão pontuados a seguir:

Um primeiro destaque refere-se à capacidade da comunidade, bem como das famílias envolvidas, conseguirem ampliar a sua base de recursos autocontrolada, adquirindo uma maior resiliência aos efeitos das mudanças climáticas. Ampliaram a disponibilidade de recursos materiais como forragem, sementes, água, animais, mas sobretudo, o conhecimento e a capacidade de auto-organizar, ampliando o conhecimento e a capacidade de cooperação e ajuda mútua, estimuladas sobretudo, pelos fundos rotativos solidários.

Destaca-se que tanto revigorarão do FRS quanto da associação, foram determinantes para ampliar a participação das pessoas nos momentos coletivos, mas destaca-se sobretudo o número de mulheres mobilizadas e envolvidas nesses espaços coletivos e o despontar de novas lideranças. Atualmente, tem-se um grupo relevante de mulheres que conduzem à experimentação, mas também a gestão da associação, dos fundos solidários e dos espaços coletivos, como o banco de sementes ou a minifábrica de farinha. Em todos os momentos de formação as mulheres foram maioria, chegando a compor 90% do público envolvido. Elas assumiram a frente no processo de mobilização e reflexão nesses espaços, fortaleceram suas identidades como sujeitos, conquistaram espaços de poder dentro e fora da comunidade, melhoram sua renda e a alimentação da família através do melhoramento dos quintais.

Não se pode deixar de dar destaque à descoberta de *tesouros escondidos*, como localmente é conhecido, o surgimento de lideranças comunitárias e de agricultoras/es experimentadoras/es que passaram a compor as redes temáticas do Polo da Borborema.

A apropriação da comunidade dos seus processos históricos e organizativos é um outro resultado importante para a sustentabilidade do trabalho. Ao dominar sua história, a comunidade vai construindo autonomia sobre seu destino e, além disso, torna-se referência para outras comunidades quando partilham sua experiência com clareza e autonomia para outras comunidades do Polo e da Rede ATER-NE.

Por fim, destaca-se o FRS como a principal ferramenta para intensificação produtiva e melhoria das condições gerais de vida e de renda das famílias e da comunidade.

As reuniões de gestão coletiva têm sido espaço de troca de conhecimento e de experimentação. E vem promovendo a auto-organização comunitária e fortalecendo e empoderando as mulheres da comunidade. Esse fundo tem construído referências no modelo de gestão e tem recebidos visitas de outras regiões para partilhar seus aprendizados.



## Referências bibliográficas

Plano Estratégico de ação territorial para mitigação das mudanças climáticas na Borborema. AS-PTA, 2022.

PETERSEN, P.; SILVEIRA, L.M.; FERNANDES, G.B.; ALMEIDA, S.G., **LUME: método de análise econômico-ecológica de agroecossistemas** 1. ed. -- Rio de Janeiro: AS.PTA - Agricultura Familiar e Agroecologia, 2021.